

NOTAS DE PARIS

26-1-66

Rubem Braga

São notas que acho em um velho caderno de notas de Paris. Nunca as aproveitei em crônica, e a letra é ruim, difícil de entender. Mas posso reconstituir duas.

Vou ouvir Edith Piaff. Entra no palco vestida de preto. Tanto quanto é possível calcular a idade de uma francesa, deve ter 50 anos. É magra, tem os ombros estreitos, as pernas feias, os cabelos mal pintados, as sobancelhas em dois riscos, as mãos magras. Mas a testa grande, os olhos e a boca lhe dão ao mesmo tempo um ar de inteligência e de sofrimento. Cocteau descreveu «sua testa de Bonaparte, seus olhos de cega que acaba de recuperar a vista».

A Piaff, mulher de má vida, filha de mulher de má vida, foi descoberta quando sua mocidade infeliz já mergulhara nas sombras do passado. O público descobriu-a nas calçadas dos bares, cantando, como cantam nos bares de Paris, para ganhar o direito de tirar esmola, tantas mulheres envelhecidas — com uma voz espichada lancinante. Tinha a voz enrouquecida pelas noitadas excitantes e melancólicas. Um ar de quem já se humilhou, já apanhou na cara. E uma estranha dignidade.

Estou sózinho num quarto de hotel. Em agosto, todo mundo viajou e fiquei em Paris: uma desolação nas grandes ruas de tantas casas fechadas, onde circulam grupos de turistas suecos ou alemães de passagem para a Côte d'Azur, a Itália ou a Espanha.

Mas hoje, acabaram às férias. Ouço um rumor sob minha janela, que dá para o pátio de uma escola. Vejo lá embaixo as primeiras crianças da escola pública que vão chegando para as aulas e se espalham pelo pátio. Reconheço duas ou três dessas crianças: um menino muito magro, sardento, de cabelos ruivos, e uma menina extraordinariamente alva, de cabelos negros. Devem ter 11, 12 anos.

Essa volta das crianças me comove; o pátio vazio e silencioso me dava tristeza.

Que será amanhã desse menino ruivo, que vida terá essa menina cor de giz, tão pateticamente linda com seus cabelos pretos amarrados por uma fita? Um estrangeiro desconhecido os reconhece, de sua janela de hotel; e sente uma obscura alegria.